

Identidades argentinas configuradas nas relações midiáticas e comunicacionais de imigrantes residentes na cidade de Porto Alegre/RS¹

Rejane de Oliveira – Universidade Federal de Santa Maria²
Jiani Adriana Bonin – Universidade do Vale do Rio dos Sinos³

Resumo

Este texto tem o propósito de discutir alguns resultados advindos de uma pesquisa⁴ que buscou compreender como se configuram as identidades argentinas no contexto de relações midiáticas e comunicacionais vivenciadas por imigrantes argentinos da cidade de Porto Alegre/RS. Os resultados da pesquisa apontam para a complexidade e as especificidades destas identidades, e permitem ver como as matrizes históricas que se instituem como elementos residuais na configuração destas identidades, a experiência migratória, as representações, adjetivações e estereótipos midiáticos e as relações comunicacionais intra e interculturais operam mediações na configuração destas identidades.

Palavras chave: identidades argentinas; mídia; recepção; mediações

A problemática da pesquisa

A observação do fenômeno “Argentina como um país de emigração” e sua repercussão midiática impulsionaram-nos a atentar para este fenômeno e para a presença significativa de imigrantes deste país no contexto brasileiro e em particular do Rio Grande do Sul, assim como na mídia. Explorações empíricas e contato com pesquisas foram possibilitando a construção de uma problemática de pesquisa em torno da particular configuração que as identidades destes sujeitos, migrantes argentinos, assumem ao imigrarem para o Brasil e, mais especificamente, para o Rio Grande do Sul. Chamou nossa atenção também a presença midiática de construções relativas à identidade destes imigrantes, a partir de pesquisas relacionadas a esta problemática⁵ e

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Culturas Urbanas, do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura da UFSM (GEPAC) e professora pesquisadora do Projeto de Cooperação Internacional CAPES/MECD “Mídia e Interculturalidade: estudo das estratégias de midiática das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do Mercosul”. E-mail: rejanedeoliveira@smail.ufsm.br

³ Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Co-coordenadora do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM. Pesquisadora membro do Projeto de Cooperação Internacional CAPES/MECD Mídia e Interculturalidade: estudo das estratégias de midiática das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do Mercosul. Atualmente desenvolve a pesquisa Mídia e memórias: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção. E-mail: jianiab@uol.com.br

⁴ Trata-se da pesquisa de doutorado intitulada Identidades argentinas dinamizadas nas relações midiáticas e comunicacionais de imigrantes residentes na cidade de Porto Alegre/RS, realizada no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob a orientação da Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin.

⁵ Numa pesquisa que analisa a mídia impressa do Estado de Santa Catarina nos anos de 1991 e 1993 Schmeil (1994), identifica características estereotipadas e negativas que os turistas argentinos ganham nos jornais analisados, como a “expansividade” e a “algazarra” protagonizada por estes turistas no verão catarinense. Jacks e Muller (2004) também pesquisaram os jornais de maior circulação no Estado do Rio Grande do Sul identificando construções sobre os turistas argentinos, que aparecem construídos a

de explorações empíricas que realizamos em torno de uma mídia regional, o *Jornal Zero Hora*⁶, onde fomos percebendo uma construção estereotipada e muitas vezes negativa destes sujeitos.

Avançando no processo de construção de uma problemática em torno deste fenômeno, realizamos pesquisas empíricas com imigrantes argentinos⁷ que nos propiciaram pistas de que a configuração destas identidades é complexa e que, se a mídia estava tendo um papel neste processo, outras dimensões também se mostravam relevantes para a sua compreensão e precisariam ser levadas em conta. Os dados obtidos nos levaram a pensar que dimensões como *a experiência da migração, os contextos de relações intra e interculturais e referentes históricos residuais* também exerciam papel configurador destas identidades, o que nos levou a formular uma problemática que, buscando investigar como se configuram as identidades de migrantes argentinos residentes em Porto Alegre, levasse em conta dimensões comunicacionais e midiáticas constitutivas destas configurações.

Mesmo constatando que o campo da comunicação vem produzindo pesquisas sistemáticas da relação mídia-identidade, verificamos que ainda é restrito o número de investigações que direciona essa relação para a análise das identidades migrantes argentinas. A contribuição da pesquisa foi a tentativa de olhar a construção destas identidades a partir da recepção.

Na especificidade desta pesquisa, trabalhamos com a proposição de que as identidades destes imigrantes argentinos se configuravam em processo e que neste processo operavam mediações constitutivas destas configurações identitárias. Assim, a pesquisa buscou investigar *como se configuram as identidades argentinas no contexto de relações midiáticas e comunicacionais vivenciadas por imigrantes argentinos da cidade de Porto Alegre*. Avançando para pensar as mediações configuradoras destas identidades, delimitamos como relevantes: *as matrizes históricas que se instituem como elementos residuais na configuração destas identidades; a experiência migratória; as representações, adjetivações e estereótipos midiáticos e; as relações comunicacionais intra e interculturais*.

Trabalhamos na construção de um referencial teórico em torno da problemática das identidades⁸, tomando o conceito de mediações⁹ como eixo para pensar as dimensões

partir de definições como invasores, arrogantes, mal educados, inconvenientes, bêbados, gritões, vândalos, insuportáveis e prepotentes.

⁶ A pesquisa exploratória empreendida no jornal *Zero Hora* contou com o mapeamento sistemático das edições do periódico no período de 01/01/2005 a 31/07/2005.

⁷ Na pesquisa exploratória para construção da pesquisa, realizamos entrevistas com imigrantes argentinos em três movimentos exploratórios da pesquisa, abrangendo um total de 31 participantes.

⁸ Na construção conceitual deste eixo, dialogamos com autores como Hall (2000, 2001, 2003), García-Canclini (1997, 2001), Barth (1969), Goffmann (1988), Grimson (2002), Bauman (2005), entre outros.

⁹ O conceito de mediações foi trabalhado a partir da perspectiva de Martín-Barbero (1997).

constitutivas do processo de construção destas identidades. Para pensar o papel configurador da mídia, trabalhamos o conceito de midiaticização¹⁰, atentando também para especificidades das construções midiáticas das identidades argentinas quando configuradas pelas lógicas do gênero jornalístico¹¹. Os processos de recepção midiática foram trabalhados a partir da lógica dos usos e apropriações¹². As dimensões históricas relativas à construção da identidade argentina foram pensadas como matrizes residuais¹³. Atentamos também para as relações intra e interculturais¹⁴ como dimensões importantes na conformação destas identidades, assim como a experiência da migração¹⁵.

A pesquisa empírica sistemática foi realizada com uma amostra de imigrantes argentinos residentes na cidade de Porto Alegre. Na composição da amostra, trabalhamos com critérios que nos permitissem abarcar diversidades em termos da configuração das identidades pesquisadas. Ao longo da pesquisa exploratória, percebemos que distinções nesta configuração se revelavam conforme o período de migração dos entrevistados, por estar relacionado a diferenças nos motivos de migração, na experiência migratória e nas relações com a sociedade receptora. Dados do IBGE sobre o fluxo migratório de argentinos para o Brasil apontavam dois períodos de maior fluxo migratório de argentinos para o Brasil: as décadas de 1970 e 1990/início do século XXI. Considerando estes dados, compusemos, para a etapa sistemática da pesquisa, uma amostra de seis imigrantes argentinos, três do primeiro período e três do segundo, considerando ainda diversificações em termos de locais de procedência, gênero, renda, escolaridade e relações históricas com a mídia (argentina e brasileira). Como procedimento metodológico de coleta de dados, construímos as *histórias de vida midiáticas e comunicacionais* destes imigrantes, apropriando-nos de referentes da História Oral para os requerimentos da pesquisa¹⁶. Trabalhamos também com pesquisa de contextualização histórica da formação argentina e das relações Brasil-Argentina (para pensar as matrizes vigentes na configuração das identidades) e com pesquisa bibliográfica e observação de um *corpus* de notícias sobre os argentinos veiculadas pelo Jornal Zero Hora (para estudar as construções da identidade argentina na mídia)¹⁷.

¹⁰ Para trabalhar o conceito de midiaticização, empreendemos diálogos com Mata (1999), Rodrigues (2002) e Fausto Neto (1999), entre outros.

¹¹ As especificidades da construção das identidades argentinas desde as especificidades do jornalismo foram pensadas a partir de autores como Traquina (2004a, 2004b), Wolf (2002) e Alsina (1999).

¹² Os processos de recepção foram pensados a partir de autores como Martín Barbero (1987), Hall (2003), entre outros.

¹³ Para a construção da noção do residual, trabalhamos com a perspectiva de Williams (1979).

¹⁴ As pesquisas de Grimson (2001, 2002) e de Russi (2005) forneceram elementos para pensar estas relações comunicacionais como mediadoras na constituição das identidades argentinas.

¹⁵ As pesquisas de Cogo (2006) Uribe (2006), Russi (2005) forneceram subsídios importantes para pensar esta dimensão.

¹⁶ Para fundamentar a construção metodológica das histórias de vida midiáticas e comunicacionais, empreendemos diálogos com autores como Queiroz (1988), Thompson (1992 e 1993). Também pensamos a problemática da memória a partir das contribuições de autores como Bergson (1990), Halbwachs (1990), Bonin (2006) e Bosi (1995).

¹⁷ O jornal foi escolhido para observação considerando que no segundo movimento da pesquisa exploratória, 80,6% dos entrevistados revelou ser este o produto midiático onde percebiam a presença dos argentinos de forma mais significativa.

Reveladas as linhas gerais da construção da investigação buscamos, no que se segue, recuperar e discutir alguns resultados da mesma, que atentam para as particularidades que as identidades investigadas assumem e para o modo como as mediações configuram tais identidades.

A configuração das identidades argentinas e suas mediações constitutivas

Num primeiro momento, a análise de processos de construções identitárias de imigrantes argentinos pode parecer simples, já que estamos falando de sujeitos que vivem ao nosso lado, indivíduos que crescemos ouvindo falar de suas características. No entanto, a questão não é tão simples quanto parece, ao contrário, complexifica-se bastante por tratar-se de sujeitos que, apesar de viverem num país vizinho ao nosso e contarem com uma trajetória de turismo e imigração no Brasil, são tratados como alteridade e foram, ao longo dos tempos, ganhando adjetivações e estereótipos homogeneizantes em nosso contexto.

O olhar atento para a história das relações entre Brasil e Argentina nos permitiu observar que os intercâmbios econômicos, notadamente o Mercosul, pouco contribuem para minimizar antigas polarizações que, construídas desde os períodos da colonização, perpetuam estereótipos em relação aos argentinos que estão presentes, ainda hoje, nas falas e nas práticas comunicacionais destes sujeitos, assim como na mídia. Portanto, a primeira análise fornecida pela pesquisa e talvez a visão que congrega as demais observações realizadas é que a complexidade das identidades argentinas não permite uma abordagem simplista. Seu estudo exige um olhar cauteloso e atento às singularidades destas identidades.

A construção da investigação exigiu atentar para contextos macrossociais que incidem sobre o fenômeno investigado, conformando os processos comunicacionais e midiáticos que constituem as identidades investigadas. A globalização foi pensada e percebida nesta pesquisa como um contexto de fundamental importância¹⁸, visto que impõe movimentos migratórios e experiências que incidem na construção das identidades dos migrantes argentinos. Este processo configura uma sociedade em diáspora, o que marca, de maneira definitiva, a cultura e as identidades dos sujeitos pesquisados. O modo como as identidades e as relações com a sociedade de acolhida se configuram entre os imigrantes do período mais recente revela distinções, particularmente porque estes imigrantes percebem maior rejeição por parte dos brasileiros, que afirmam que a vinda dos argentinos reduz ainda mais os postos de trabalho. É neste sentido que

¹⁸ Para trabalhar a problemática da globalização e os processos migratórios dialogamos com proposições dos autores Ianni (1995, 1998 e 1999), Santos (2004), Ortiz (2003), Haesbaerth (2002), Zamberlam (2004) e Touraine (1996).

constatamos que a globalização transcende as conseqüências econômicas do capitalismo acelerado, pois as maiores mudanças estão se dando justamente nas dinâmicas das relações sociais e nas reconfigurações identitárias daí resultantes.

Além dos movimentos migratórios, processos políticos, e particularmente a ditadura argentina, também tiveram implicações na configuração das identidades destes sujeitos migrantes, pois delimitaram experiências específicas e marcantes dos imigrantes no contexto da sociedade argentina e levaram alguns à migração. Além disso, o sentimento de identificação com o Brasil e com os brasileiros tem relação com a forma como os imigrantes argentinos do período ditatorial foram recebidos no Brasil. Os imigrantes deste período revelaram uma gratidão pelo país que os acolheu durante o regime militar e mostraram-se mais adaptados ao Brasil. Com isso, observamos que os macroprocessos configuram as migrações e as experiências destes migrantes e, de alguma maneira, acabam tendo um papel configurador nestas identidades.

Na configuração das identidades argentinas, as relações com outros indivíduos, grupos e sociedades jogam papel fundamental, assim como os posicionamentos que os mesmos vão tomando nas diferentes experiências vivenciadas ao longo destas interações. Essa questão explica uma forte característica observada nos sujeitos pesquisados: a pluralidade identitária. E o fato das singularidades presentes na configuração identitária de cada sujeito pesquisado emergir em muitas narrativas explica uma outra característica destas identidades: sua constante e processual construção. As identidades vão sendo conformadas, portanto, nos contextos e práticas comunicacionais e nas relações interculturais. Trata-se de uma construção que é histórica, pelo fato de iniciar mesmo antes do nascimento do sujeito e dialética, por não cessar nunca e estar em constante movimento.

Em cada um destes sujeitos, há um número significativo de mediações atuando e conformando suas identidades. Observamos que, além das matrizes históricas de constituição das identidades, a mediação das construções midiáticas, das práticas e dos espaços comunicacionais, construídas na trajetória dos sujeitos, também são dimensões de produção destas identidades. É justamente a partir dessas experiências, mediadas e singularizadas, que os imigrantes pesquisados constituem referenciais simbólicos para se diferenciar e se posicionar.

Definimos as identidades argentinas como um sistema de representação cultural que é construído no jogo das relações sociais (sincrônicas e diacrônicas) destes sujeitos, que resultam da articulação de diversos elementos e práticas por eles vivenciadas. São processos simbólicos, entrelaçamento de significados construídos no interior das relações sociais, não somente do presente, mas também ao longo da história de vida destes sujeitos. Resultados da articulação de

diversos elementos e práticas vivenciadas pelos sujeitos migrantes. Um sentido negociado no interior do universo cultural e simbólico destes indivíduos e dos grupos a que pertence. As identidades argentinas, entretanto, não são conformadas unicamente por meio das relações socioculturais, sua constituição também está marcada pelos macroprocessos/contextos sociais. Logo, trata-se de um posicionamento passível de mudanças e de composições múltiplas. Não são identidades dadas a priori, são identidades construídas através das relações socioculturais, no cruzamento das experiências vivenciadas no passado e no presente¹⁹.

Os dados obtidos na pesquisa nos levaram a questionar a proposta de que estas identidades se conformariam como “celebração móvel”. Isto porque o exame das configurações das identidades dos pesquisados aponta para a presença significativa e vigência (mesmo que ressignificada) de matrizes de longa duração, como o europeísmo, a noção do argentino culto e erudito, entre outras. Isso fez com que a noção de fluidez e mobilidade intensa fosse tomada com bastante cautela. Observamos que as identidades argentinas são conformadas a partir de releituras de referentes advindos das trajetórias socioculturais que se tornaram emblemáticas para estes sujeitos, o que faz com que estas identidades tornem-se diferenciadas em muitos aspectos, mas também apresentem construções coletivas e similaridades em alguns sentidos constituídos.

Os primeiros dados empíricos da pesquisa já revelavam que certas *matrizes históricas* mediavam identificações e construções dos sujeitos pesquisados, mobilizando e operacionalizando, tanto concreta quanto simbolicamente, suas identidades. O aprofundamento teórico e empírico mostrou algumas matrizes das identidades argentinas que foram historicamente construídas, bem como, o modo como essas matrizes ainda participam das configurações identitárias dos sujeitos pesquisados.

No que se refere à história das *relações entre Brasil-Argentina*, identificamos a *rivalidade* como uma matriz fortemente constituída ao longo dos tempos e que, ainda hoje, continua vigente e converte-se em dimensão constitutiva destas identidades na relação com os brasileiros. A recuperação histórica desta matriz nos permitiu perceber seu largo processo de constituição nas relações entre Brasil-Argentina desde antes da formação dos Estados Nação²⁰. A rivalidade foi uma importante matriz identificada tanto nos relatos dos sujeitos entrevistados quanto nos textos noticiosos acerca dos argentinos.

¹⁹ Este entendimento de identidade alimentou-se de proposições de autores como Hall (2001, 2003), García Canclini (1997, 2001), Barth (1969), Bauman (2005), entre outros.

²⁰ Para analisar esta matriz, trabalhamos com autores particularmente do campo da história a fim de recuperar elementos relativos às relações Brasil-Argentina e que nos permitiram perceber a configuração histórica de relações pautadas pelo constante estado de rivalidade, identificado por vários autores. A diferença parece residir na atribuição das raízes desta rivalidade, identificada por uma das vertentes como disputa de matriz ibérica que remete ainda ao período colonial (Corrêa, 2000, Fausto e Devoto, 2004, Jaguaribe, 1986) e por outra como herança do século XIX (Reckziegel, 1996).

Para além das relações Brasil-Argentina, destacamos outras construções simbólicas que também foram se configurando ao longo dos tempos e funcionam como matrizes residuais operadoras destas identidades. Elementos recuperados tanto na história da Argentina quanto na trajetória de seus habitantes apontam construções simbólicas e um conjunto de valores e identificações que permaneceram vigentes e ainda são fontes dos imaginários e dos estereótipos que conformam as identidades argentinas. Essa questão pode ser evidenciada nas distinções identitárias - identidade portenha *versus* identidade do interior do país - e no europeísmo.

As distinções entre uma *identidade portenha e uma identidade do interior do país* tem uma constituição histórica. As lutas entre o interior do País e a capital portenha resultaram num enfrentamento do sistema agrário das oligarquias com a industrialização das elites burguesas e produziram um diferencial na formação cultural e econômica dessas populações, que se tornaram referentes de identidades diferenciadas. Esse diferencial, mesmo que reconfigurado, perdura até os dias de hoje e acaba distinguindo os “cabecitas negras” (argentinos com traços indígenas, similares às populações do Peru e da Bolívia) daqueles que se nominam “brancos europeizados”. Ou seja, o processo de formação do Estado Nação argentino não levou à amalgamação de diferenças em torno de uma identidade argentina; as distinções permanecem vigentes na configuração das identidades dos migrantes entrevistados²¹.

Uma outra matriz historicamente construída é o *europeísmo*, que pode ser pensado como resultado de um cruzamento de fatores históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais que fizeram com que a Europa fosse, e ainda hoje continue sendo, um referencial distintivo da argentinidade. No final do século XIX e início do século XX, a Argentina despontou como um país de imigração. Na primeira década do século XX, cerca de um terço de seus oito milhões de habitantes eram imigrantes, a maioria italianos e espanhóis²². Observamos, entretanto, que a matriz do europeísmo não se formou somente a partir de fatores históricos, ela seguiu sendo cultivada ao longo dos tempos. Os imigrantes entrevistados acabaram se identificando com paisagens, hábitos e costumes europeus, trazendo para si o que dizem ser heranças desta colonização; mesmo com particularidades, os imigrantes interioranos que não compartilham com realidades relatadas pelos portenhos, acabaram se identificando e se reconhecendo na matriz do europeísmo.

A pesquisa revelou, portanto, que essas matrizes não são arcaicas, ao contrário, elas são continuamente reconfiguradas e ressignificadas pelos sujeitos. É a partir desta perspectiva que

²¹ Os trabalhos de Gil (2000) e de Fausto e Devoto (2004) apontam para a conformação histórica destas diferenças culturais no processo de formação da Argentina e para sua persistência até os dias atuais.

²² Mattos (2000), Solberg (1970), Ferrer (1972), Ribeiro (2002).

concluimos que estes elementos se apresentam na constituição identitária dos imigrantes argentinos como matrizes residuais²³ que se formaram historicamente, mas que, ainda hoje, estão vigentes no processo cultural, não somente como um elemento do passado, mas como parte constitutiva do presente.

Uma outra mediação que colabora na conformação das identidades pesquisadas é a *singularidade das experiências migratórias*. O fato dos imigrantes selecionarem elementos dessa experiência vivida para fazer as leituras da nova realidade em que vivem exigiu a elaboração de uma amostra diversificada, com sujeitos que, além dos critérios básicos de diferenciação (faixa etária, gênero, renda e escolaridade), contemplassem os períodos de maior fluxo imigratório e a pluralidade de razões que levaram estes argentinos a emigrar.

Ficou visível a estreita relação existente entre identidade e memória, onde esta é fortemente influente tanto na decisão de emigração, quanto na escolha do Brasil como país de destino desta emigração. Essa memória, ancorada nas experiências socioculturais de um Brasil já vivenciado pelo turismo e também nas construções midiáticas, acabou desenvolvendo nestes sujeitos expectativas em relação ao Brasil e aos brasileiros que, na sua maioria, não são confirmadas na chegada ao país. Isso se deve ao fato de que, muitas vezes, as representações acerca do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre são formadas a partir de localidades com características de turismo e com forte enfoque tropicalista, tais como Rio de Janeiro e as praias de Santa Catarina. Esse fato, de alguma maneira, acaba reforçando o tropicalismo brasileiro, construindo e vigorando a representação do país da festa, da alegria e do carnaval. No entanto, as falas de cinco dos seis entrevistados da etapa sistemática da pesquisa evidenciaram que muitas dessas representações não se confirmaram na chegada ao Brasil. O não cumprimento dessas expectativas gerou algumas frustrações, observáveis em muitos relatos dos imigrantes entrevistados.

Muitas são as dificuldades narradas pelos entrevistados ao relatarem a experiência da migração, a diferença reside na natureza destas dificuldades. Os imigrantes do período ditatorial, além da ilegalidade, salientaram as dificuldades de adaptação em relação à comida e à cultura de um modo mais amplo. Já os imigrantes da crise nomearam a falta de emprego, a exploração no trabalho e os problemas com documentação e moradia como os principais problemas enfrentados.

A partir destas e outras experiências, os imigrantes entrevistados foram construindo seu entendimento acerca do que é ser imigrante e ser imigrante argentino no Brasil. Essa construção leva em conta os modos de representar essa coletividade, modos estes muitas vezes construídos a

²³ Conforme a noção de residual proposta por Williams (1979).

partir de estereótipos e generalizações de características e singularidades de integrantes deste grupo social, que na verdade apresentam distinções bastante relevantes.

Ficou presente que as relações com os brasileiros são muitas vezes conflitivas e que o fato destes argentinos estarem interagindo com a sociedade receptora não implica, necessariamente, que esteja havendo integração. A dificuldade no relacionamento com os brasileiros é gerada, principalmente, pelas discriminações sofridas, desconfianças e estereotípias em relação a seu grupo étnico, questões que acabam produzindo distanciamento entre imigrantes e sociedade receptora e conformando os argentinos como alteridade.

As narrativas destes sujeitos também revelam que a imigração é muito mais que uma troca de endereço, pois ela traz novas concepções acerca da sociedade receptora, desperta sentimentos em relação ao lugar de origem e acaba interferindo na conformação destas identidades migrantes. No caso específico das identidades argentinas, identificamos também o sentido circular que essa imigração abarca pois, mesmo tendo deixado seus territórios, estes sujeitos mantêm referentes simbólicos da sua terra natal, passando a constituir o que Uribe (2004) nomeia de “transmigração”, processo que combina referentes do país de origem com o de destino e constitui identidades que se conectam a duas ou mais sociedades concomitantemente.

No decorrer da pesquisa, nossa compreensão de *cultura gaúcha*, inicialmente entendida como uma matriz comum a brasileiros e argentinos, foi ganhando contornos particulares e a visão de uma cultura partilhada se mostrou algo bastante falacioso. Os processos sociais, políticos e culturais foram produzindo distinções entre a cultura platina e a cultura rio-grandense. Logo, não se trata de uma matriz de aproximação, visto que, quando os entrevistados falam da possibilidade de algumas aproximações entre ambas as culturas eles se referem, exclusivamente, ao gaúcho do interior argentino. Constatamos que, mesmo que o gaúcho esteja historicamente ligado à Argentina, a matriz do gauchismo, tanto rio-grandense quanto platino, precisa ser analisada em suas especificidades, visto que os processos sociais, políticos e culturais promoveram especificidades que, com o passar dos tempos, provocaram diferenciações e até mesmo distanciamentos²⁴.

A *mídia* também se afirmou como uma mediação importante na constituição das identidades argentinas e nos ofereceu pistas interessantes para compreender as relações que envolvem as práticas e os posicionamentos identitários destes sujeitos. É importante reafirmar que, ao longo da pesquisa, o midiático recebeu um desenho um pouco diferenciado da proposta inicial. Antes de iniciarmos as incursões exploratórias, na construção da problemática,

²⁴ Autores como Reichel e Gutfreid (1996), Vellinho (1957), Russi (2005) e Maciel (2000) nos ajudaram a pensar nas especificidades que a cultura gaúcha adquire na Argentina e no Brasil a partir de especificidades dos processos sociais, políticos e culturais.

trabalhávamos com a idéia de centralidade da esfera midiática, centralidade esta que os dados empíricos não sustentaram. As falas dos entrevistados mostraram que, mesmo exercendo um papel relevante, a mídia não era a única responsável pelos sentidos construídos, pois as identidades argentinas também estavam sendo construídas nos diferentes espaços comunicacionais de interação social, daí pensarmos a mídia como uma mediação articulada e atravessada por outras dimensões na produção das identidades dos migrantes argentinos.

Mesmo assim, o contato com a realidade empírica mostrou a relação dos sujeitos pesquisados com a mídia, notadamente jornalística, o que evidenciou uma relação bastante particular com a formação de competências de gênero. Essa competência de leitura permite aos sujeitos questionar a construção midiática de alguns referentes. Além destas competências de leitura, as demais mediações que participam da conformação identitária destes sujeitos têm uma participação significativa nas identificações dos imigrantes pesquisados, fazendo com que haja pouco reconhecimento a partir dos estereótipos construídos na mídia. Além disso, foi observado que os entrevistados estavam conformando suas identidades (individuais e coletivas) a partir de um fluxo de mídias e também a partir de outros referentes e de relações comunicacionais que, de alguma maneira, acabam movimentando as experiências de alteridade.

A possibilidade, inicialmente levantada por esta pesquisa, de que a evolução das novas tecnologias de informação e comunicação, aliados à proximidade geográfica, facilitariam a compreensão deste outro, no caso o imigrante argentino, não se confirmou. Ao contrário, a realização da pesquisa nos fez observar a complexidade que vai sendo imposta às sociedades contemporâneas no momento em que a instância midiática traz à cena pública representações e estereótipos de uma identidade que, embora tenha vivenciado passado e problemas semelhantes aos nossos (tais como a dominação colonial, determinados ciclos econômicos e políticos) é vista como alteridade. A mídia vai se constituindo, de forma crescente, em uma mediação importante na elaboração, negociação e difusão dos discursos sobre as identidades migrantes. No caso específico das identidades argentinas, o fato é que a visibilidade midiática acaba conformando identidades estereotipadas e, algumas vezes até mesmo estigmatizadas.

No caso desta pesquisa, percebemos que a mídia elabora uma construção caricatural e estereotipada destas identidades, amplificando e distorcendo características e adjetivações destes sujeitos e transformando essas características em anedotas. Textos e imagens que invocam uma suposta “vocação para a tragédia” são bastante comuns nas construções noticiosas e fazem da dramaticidade uma matriz bastante presente na instância midiática. No entanto, na recepção, esta matriz, identificada como traço destas identidades, é vista como levada ao exagero e, algumas

vezes, até mesmo construída de forma equivocada. Nas interpretações dos entrevistados, o que a mídia faz é estereotipar e ampliar certas características culturais dos argentinos (tais como a melancolia, o sentimentalismo e a emotividade), construindo isso a partir da matriz da dramaticidade.

A arrogância é outra matriz que também se destaca na mídia e, ao mesmo tempo, foi mencionada em todas as falas dos sujeitos entrevistados, quando estes opinavam sobre a presença dos argentinos na mídia brasileira. Porém, na recepção, todos criticaram o fato da mídia homogeneizar as identidades argentinas, tomando uma característica que é compreendida pelos mesmos como “majoritariamente portenha” e “estendendo” essa particularidade às identidades interioranas.

Relatos de discriminação, muitas vezes atravessados pela mídia, também foram frequentes nas narrativas dos sujeitos pesquisados. Ao criar ou referendar estereótipos deste grupo étnico, a mídia constrói ou reforça sentidos que acabam por incidir na constituição das identidades destes sujeitos. Ou seja, cria-se a equivocada idéia de que existe uma homogeneidade que se sobrepõe às inúmeras singularidades deste grupo migrante. Assim, a mídia passa a se configurar como parte integrante das relações socioculturais e não somente como uma tecnologia exterior a estas relações, visto que exerce uma participação importante nos processos de sociabilidade e de conformação destas identidades migrantes. Os dados nos permitem pensar que, em termos de seu papel configurador na construção das identidades argentinas, a mídia brasileira vem colaborando para reforçar a etnicização destas identidades, juntamente com outras dimensões. As construções midiáticas reforçam estereótipos sobre os argentinos, colaborando para reafirmar a sua condição de *outro*, de alteridade, muitas vezes negativamente constituída frente às relações com os brasileiros. Estas estereótipos, presentes nas relações sociais e interculturais, experienciadas e reforçadas pela mídia, aliadas às especificidades da identidade argentina parecem colaborar para processos de segregação e de fechamento étnico em muitos momentos ao invés do desenvolvimento de relações inclusivas.

Ao longo da pesquisa, verificamos que esta teria que ultrapassar a perspectiva midiática e caminhar no sentido de abranger, também, a instância comunicacional, pois a construção identitária destes sujeitos se dá não somente no âmbito midiático, mas também nos diferentes espaços comunicacionais onde estes sujeitos interagem. A investigação revelou que, ainda que as identidades argentinas invoquem elementos de um passado histórico ou sofram reorganizações a partir de representações midiáticas, elas são, acima de tudo, produtos das práticas e relações socioculturais.

Nos quatro anos que envolveram esta pesquisa, buscamos dar nossa contribuição para o campo de investigação no qual estamos inseridas. Este problema/objeto nos exigiu a construção de técnicas e procedimentos que não estavam definidas nos modelos já existentes. Foi assim que, desde o início desta investigação pensamos a construção deste objeto como um *ato de criação*²⁵, uma construção que foi se desenhando em meio às descobertas teóricas e empíricas. Diante da necessidade de pensar as identidades argentinas em sua conformação diacrônica, observamos a importância da apropriação e redesenho do método histórias de vida e elaboração de *histórias de vida midiáticas e comunicacionais* com os sujeitos pesquisados. Coletamos dados relativos às apropriações que os entrevistados faziam da cobertura noticiosa sobre os argentinos e a relação com suas experiências socioculturais e identitárias e, a partir da observação de questões referentes à história das competências, fomos descobrindo as matrizes que compõem as experiências destes imigrantes nas heterogeneidades dos sentidos por eles construídos.

Referências Bibliográficas

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La comunicación intercultural**. Barcelona: Anthropos, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras (1969). In: POUTIGNAT, Phillippe; STREIFF-FENART, Joceline. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BONIN, Jiani. **Mídias e memórias**: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção. Projeto de pesquisa. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Brasília: CSEM/Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas. O Brasil e seus vizinhos: uma aproximação histórica. In: **A visão do outro**: seminário Brasil-Argentina. Brasília: FUNAG, 2000.

²⁵ Bachelard (2001).

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina**: um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa**: estudo sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FERRER, Aldo. **La economía Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1972.

GARCIA-CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2001.

_____. **Cultura y Comunicación**: entre lo global y lo local. La Plata: Ediciones de periodismo y comunicación, 1997.

GIL, Antonio Carlos Amador. As independências na América Latina: regeneração ou ruptura? In: **Revista Dimensões**. Espírito Santo: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2000.

_____. **Os espaços de sociabilidade no processo de constituição da identidade argentina**. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/anais/encontro3/ensaio12.htm>. Acesso em: 04 /09/06.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRIMSON, Alejandro. Vivências do Estado como alteridade: imagens cruzadas na fronteira argentino-brasileira. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo. Lins. **Argentinos e Brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Interculturalidad y comunicación**. Bogotá: Norma, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (orgs.) **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent León Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

IANNI, Octavio. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins. **Globalização, regionalização e nacionalismo**. São paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____. **A sociedade global**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla. **Hermanos, pero no mucho**: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil e Argentina. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

JAGUARIBE, Hélio. **Novo cenário internacional**. Rio de Janeiro: Editora Guanabarra, 1986.

MACIEL, Maria Eunice. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: BERND, Zilá (org.), **Olhares cruzados**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura midiática. In: **Diálogos de la Comunicación**, n. 56, Lima: FELAFACS, 1999.

MATTOS, Ilmar Rohloff. Um País Novo: a formação da identidade brasileira e a visão da Argentina. In: **A visão do outro**: seminário Brasil-Argentina. Brasília: FUNAG, 2000.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti. **O Pacto ABC**: as relações Brasil-Argentina na década de 1950. Passo Fundo: Ediuopf, 1996.

REICHEL, Heloisa; GUTFREIND, Leda. **As raízes históricas do Mercosul**: a Região Platina colonial. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e Europeísmo: modos de representar o Brasil e a Argentina. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo. Lins. **Argentinos e Brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis: Vozes, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAND, M; PORTO, S.D. (org). **O Jornal: da forma ao sentido**. 2.ed. Brasília: Editora da UNB, 2002.

RUSSI, Pedro. **A diáspora uruguaia nas interações comunicacionais e midiáticas de migrantes no sul do Brasil**. São Leopoldo, 2005. Tese de Doutorado.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHMEIL, LÍlian. **“Alquila-se” una isla: turistas argentinos em Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 1994.

SOLBERG, Carl. **Immigration and nationalism**: Argentina and Chile. Austin: The University of Texas Press, 1970.

THOMPSON, Paul. Historias de vida en el análisis del cambio social. In: MARINAS, José Miguel; SANTAMARINA, Cristina (orgs). **La historia oral: métodos y experiencias**. Madri: Debate, 1993.

_____. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAQUINA, Nelson (org). **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.a

_____. **A tribo jornalística: uma comunidade transnacional**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.b

TOURAINÉ, Alan. **¿Podremos vivir juntos?** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.

URIBE, Ana. Receptores nómadas: confluências entre recepção televisiva y migración transnacional. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a7.html>> Acesso em: 05 fev 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 7.ed. Lisboa: Presença, 2002.

VELLINHO, Moisés. O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1957.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.